



ISSN: 2175-5493

XI COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

14 a 16 de outubro de 2015

## CONHECIMENTO FORMAL E CONHECIMENTO CRÍTICO: PRODUÇÃO DE CONHECIMENTO DE UM INTELLECTUAL AUTODIDATA

Esmeralda Guimarães Meira\*  
(UESB)

José Rubens Mascarenhas de Almeida\*\*  
(UESB)

### RESUMO

Para discutir conhecimento científico na contemporaneidade, voltamos o olhar ao século XX para rever a produção de conhecimento de Camillo de Jesus Lima, intelectual que atuou nas décadas de 30 a 60 como colaborador em periódicos da Bahia. A condição autodidata de sua formação desvinculada das formalidades institucionais não impediu sua projeção como “crítico de rodapé”. Ele não se prendeu aos domínios burgueses de reprodução capitalista, foi um escritor crítico independente, mas com referências no marxismo e no comunismo. Para esta análise tomamos como fonte de pesquisa alguns dos textos de sua autoria, publicados no jornal *O Combate*, na década de 40. A escolha dos textos parte de uma seleção temática, a saber, de teor político e social.

**PALAVRAS-CHAVE:** intelectual, produção do conhecimento, Camillo de Jesus Lima.

### INTRODUÇÃO

*A paisagem humana do Brasil, crua na sua realidade burguesa, impiedosa e ilógica na sua desgraça proletária, deu-me a função social de intelectual de esquerda* (LIMA, Cooperação, 1945).

---

\*Doutoranda do PPGMLS/UESB; docente do curso de Letras da UNEB/CAMPUS VI; membro do GEILC/MP e dos Grupos de Pesquisas GPCSL/CAPES/UNEB e GPCLB/UNEB. [esmelmeira@yahoo.com.br](mailto:esmelmeira@yahoo.com.br)

\*\*Doutor em Ciências Sociais pela PUCSP; docente do Departamento de História e do Programa de Pós-Graduação em Memória: Linguagem e Sociedade (PPGMLS/UESB); coordenador do Grupo de Estudos Ideologia e Luta de Classe (GEILC/MP/UESB) e pesquisador do NEILS (Núcleo de Estudos de Ideologia e Lutas Sociais). [joserubensmascarenhas@yahoo.com.br](mailto:joserubensmascarenhas@yahoo.com.br)



ISSN: 2175-5493

XI COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

14 a 16 de outubro de 2015

Trazer ao debate a questão da produção do conhecimento na contemporaneidade é para nós pesquisadores uma forma de metalinguagem. Ao fazê-la colocamo-nos como parte autoral nesse bojo a que se chama “conhecimento científico”, autorizado pelos pares e pela sociedade como tal.

Ser crítico ou não a uma ordem pré-estabelecida é uma questão de ponto de vista. Há quem prefira viver em espaços que lhe sejam mais cômodos. Outros preferem viver não no conflito, mas viver o próprio conflito para sair deles mais fortalecidos, muitas vezes imunizados pelas contradições. No entanto, o que demarca a condição autoral do pesquisador é a que campo ideológico ele se sente vinculado.

Seguros de que os campos das ciências humanas e sociais se balizam na história para comprovar algumas de suas teorias, recorreremos a ela para fazer da contemporaneidade um momento mais reflexivo e crítico. Afinal, o século XXI se faz com a experiência que o século XX nos deixou, ainda mais por ter sido este um século de grandes extremos, como o descreveu Eric Hobsbawm (1995), destacando, inclusive, a importância da figura do historiador como intermediário dessa comunicação:

A destruição do passado — ou melhor, dos mecanismos sociais que vinculam nossa experiência pessoal à das gerações passadas — é um dos fenômenos mais característicos e lúgubres do final do século XX. Quase todos os jovens de hoje crescem numa espécie de presente contínuo, sem qualquer relação orgânica com o passado público da época em que vivem. Por isso os historiadores, cujo ofício é lembrar o que outros esquecem, tomam-se mais importantes que nunca no fim do segundo milênio (HOBBSAWM, 1995, p.13).

Estendemos a nossa análise ao objeto de estudo que ora pesquisamos e que torna o nosso olhar mais crítico. Referimo-nos à pesquisa sobre o intelectual Camillo de Jesus Lima, e trazemos como parâmetro para discutir os conflitos entre a produção do conhecimento formal e a produção do conhecimento crítico a sua



ISSN: 2175-5493

XI COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

14 a 16 de outubro de 2015

(dele) participação como crítico de rodapé na Bahia durante o século XX, assim como sua atuação como um intelectual de linha crítica, aliada aos princípios marxistas que buscou explorar em textos dirigidos a amigos como também naqueles que foram publicados por ocasião de suas colaborações com os periódicos.

A condição desse intelectual como um autodidata, não pertencendo formalmente a uma instituição que lhe desse a chancela de cientista, não foi impedimento para a sua participação como crítico de rodapé em jornais da Bahia, aventando seus discursos pela área cultural, política e social, o que o tornou um crítico respeitado entre os intelectuais daquele momento.

Um episódio é curioso na vida de Camillo de Jesus Lima. O fato de não ser licenciado ou de não ter uma formação formal fê-lo afastar das atividades docentes de uma escola onde lecionara por alguns anos, no entanto, ele se destaca como colaborador de diversos periódicos, atuando como crítico literário em alguns deles. Em Salvador foi crítico de rodapé do jornal *A tarde*, em Vitória da Conquista escreveu e foi redator chefe do jornal *O Combate*, colaborou com outros periódicos como *O Malho*, *O Conquistense*, *O Momento*, *Jornal da Bahia* e com algumas revistas, como é o caso da *Leitura* (R. J).

O fato de ter sido afastado das funções de professor em uma escola tradicional, particular e ligada à igreja católica talvez tenha sido reflexo das manifestações independentes que Camillo de Jesus Lima sempre imprimiu em suas atitudes, não se agrilhoando a determinadas convenções que não lhe fossem agradáveis. Para ele, antes de qualquer coisa devia-se atender a certos princípios ideológicos ligados às causas sociais. Tais princípios aproximam-no do socialismo e fazem-no leitor crítico de Marx e Engels, promovendo, entre os amigos, campanhas de conscientização dos fundamentos do materialismo histórico. Além disso, nutria grande afeição por Luiz Carlos Prestes, desde sua aparição pelas terras do sudoeste baiano, comandando a Coluna, avançando o nordeste brasileiro. Tudo isso levou Camillo de Jesus Lima a se filiar ao Partido Comunista do Brasil.



ISSN: 2175-5493

XI COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

14 a 16 de outubro de 2015

Propõe-se, portanto, compreender o intelectual Camillo de Jesus Lima e a sua atuação crítica em sua *totalidade concreta*, categoria marxista explorada por Karel Kosik (1976) e que vem ao encontro de nossos argumentos, quando, por exemplo, ele diz que:

Na realidade, totalidade não significa *todos os fatos*. Totalidade significa: realidade como um todo estruturado, dialético, no qual ou do qual um fato *qualquer* (classe de fatos, conjuntos de fatos) pode vir a ser racionalmente compreendido. (...) Os fatos são conhecimento da realidade se são compreendidos como fatos de um todo dialético. (...) Sem a compreensão de que a realidade é totalidade concreta – que se transforma em estrutura significativa para cada fato ou conjunto de fatos – o conhecimento da realidade concreta não passa de mística, ou a coisa incognoscível em si (KOSIK, 1976, p.35).

O arquivo pessoal do escritor serve-nos como fonte documental e para aproximar os resultados ao desejado elegemos alguns textos da crítica de rodapé dos anos 40, autoria de Camillo de Jesus Lima, publicadas no Semanário *O Combate*, caracterizando-a como uma produção de conhecimento crítico. Mas as suas experiências, de um modo geral, fazem parte do conjunto social em que esteve inserido como literato, jornalista, professor, militante político, aspectos de sua autobiografia que acabam por se revelar em meio a esse todo que esperamos não deixar muito comprometido com os recortes necessários a este espaço.

Experiências, conceitos, ideias, sentimentos que, ainda hoje, estão sob a guarda do arquivo pessoal desse escritor baiano podem ganhar dimensões que venham ampliar a ideia que se tem dele como o “poeta Camillo de Jesus Lima”, conforme pregou a memória oficial. Para além do lírico, encontramos o militante político, o homem histórico ligado a uma realidade material, circunstanciada, é verdade, em prosas e versos de teor social que vieram a público. Contudo, muito do que se poderia saber sobre sua contribuição como intelectual de seu tempo ainda está no ineditismo ou, por que não dizer, são memórias silenciadas, histórias arquivadas, permeadas, algumas vezes, pela revolta, outras, pela utopia, nuanças



ISSN: 2175-5493

XI COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

14 a 16 de outubro de 2015

que precisam ser cuidadosamente abordadas.

A relação entre a produção literária (incluindo a crítica de rodapé) e a prática político-social de Camillo de Jesus Lima respalda a ideia que se tem dele como autor autodidata de posicionamentos críticos e sem peias, o que o torna objeto desse discurso, por ele realizar um trabalho que foge ao que a formalidade científica exige para torná-la autorizada. Se algumas vezes esteve a serviço da academia, certamente não foi pelo caráter que ela imprime, mas pela responsabilidade social com o que ali estava registrado daquilo em que acreditava.

Ainda não se cogita afirmar, mas nada impede de se levantar hipóteses: não seria por Camillo de Jesus Lima ser um escritor das margens, autodidata sem nenhuma rubrica acadêmica, o fato dele, ainda hoje, permanecer nas rodas e redes sociais apenas como “motivo” de festejos centenários aos poucos poemas conhecidos por um público seletivo, diga-se de passagem? Os críticos de hoje – de jornais que ainda resistem ao tempo da informatização e com os quais colaborou o escritor do sudoeste da Bahia – sabem da existência de Camillo de Jesus Lima? Ou ainda, os críticos autorizados, os “scholars”, conforme os defendeu Afrânio Coutinho como únicos responsáveis pela crítica jornalística, depois da inauguração no Brasil das faculdades de comunicação ou mesmo as de letras – como se antes nada fosse de caráter científico – gerando debates titânicos entre os críticos de formação formal e os críticos de rodapé de formação prática (MEIRA, 2012). Esses *scholars* conhecem a produção crítica realizada por Camillo de Jesus Lima e por tantos outros que davam viço à crítica de rodapé, mesmo não possuindo formação acadêmica para tal?

Estas são questões que não precisamos responder. Mas podemos trazer ao debate um pouco da atuação desse intelectual autodidata do sudoeste baiano, que se disse independente em muitos aspectos. É importante ainda esclarecer que, nem todos os grupos de intelectuais que se autodenominaram independentes, estiveram vinculados às ideias utópicas dos idealistas, conforme destacou em nota Serafim Ferreira, tradutor de *A formação dos intelectuais* (GRAMSCI, 1972, p.23).



ISSN: 2175-5493

XI COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

14 a 16 de outubro de 2015

Este é o caso de Camillo de Jesus Lima.

Em alguns momentos desse estudo não se pode furtar da exposição autobiográfica registrada pelo próprio escritor que, de certa forma, ao analisar o outro é também de si que fala. O inverso também é verdadeiro, ou seja, a trajetória e a forma pessoal de como via o mundo também retrata uma memória coletiva, isso por não haver dissociação entre o pessoal e o coletivo quando se trata do social. Essas memórias sociais estão imbricadas tanto no processo de produção do conhecimento que toma como base uma realidade objetiva, como na recepção desse conhecimento, em condições também objetivas.

Encontramos no arquivo pessoal de Camillo de Jesus Lima uma resenha crítica ao livro *A Coluna Prestes – marchas e combates*, autoria de Lourenço Moreira Lima, na época uma publicação da Brasiliense/São Paulo, segundo informa o próprio crítico. Neste texto, embora o foco seja a narrativa histórica do autor do livro, que teve participação efetiva na Coluna Prestes como seu secretário, o crítico não se abstém de suas posições acerca do assunto e mais que isso, ele faz uma retrospectiva histórica do tempo em que o comandante Luiz Carlos Prestes passou pela Bahia, buscando os lugares mais improváveis de serem encontrados, ele e seu exército, enfrentando a aridez das caatingas e das terras do sertão nordestino.

Nessa passagem da Coluna Prestes pelo interior baiano Camillo tinha então catorze anos e morava com os pais na cidade de Caculé. A narrativa de uma memória coletiva explicitada por Lourenço Moreira Lima toca profundamente a memória de infância do escritor baiano que, naquele momento de reflexão crítica, já não se apresenta sob a visão do adolescente ainda imaturo. Camillo revitaliza suas lembranças com uma análise crítica do momento histórico em que o fenômeno aconteceu – seu encontro com o líder comunista – relacionando o fato histórico aos acontecimentos ulteriores.

Nos dez anos trágicos que foram de 1935 a 1945 a ninguém era permitido falar sem afronta às iras do Estado Novo, no nome de Luiz Carlos Prestes. Era preocupação máxima da Gestapo Cabocla



ISSN: 2175-5493

XI COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

14 a 16 de outubro de 2015

que se apagassem da memória do povo, a custa do silêncio, os feitos memoráveis do grande capitão que conduziu, através dos sertões brasileiros, num desafio indômito à reação, o estandarte da liberdade, desfraldado pelo Dezoito do Forte, em 5 de julho de 1922. Vão e estulto propósito esse de arrancar raízes que se entranharam no coração do povo! Vem, pois, dos nossos duros anos de fascismo a escassez de referências à Coluna Prestes na nova literatura nacional que começou a florescer depois de 1930. Não sei, porém, de maior fonte de inspiração que o feito titânico daquele punhado de homens da Coluna Lendária. Ainda criança, em uma vilazinha de terra vermelha do interior da Bahia, eu também vi a Coluna. Todas as cenas estão vivas na minha lembrança e creio mesmo que são as cenas mais vivas que ainda guardo na memória<sup>3</sup>.

Pedimos licença e desculpas pela extensão das citações, mas elas se fazem necessárias para a compreensão de como informações de conteúdos históricos e políticos chegavam às mãos dos leitores. Neste caso, em especial, o pessoal e o coletivo se imbricam para assegurar o sentido crítico-ideológico ao texto.

Na noite negra de tempestade, a voz reacionária de um velho amigo da casa aconselhou meu Pai a retirar-se da vila. (...) a decisão inabalável do meu Pai: Não saio. Afinal de contas os homens os homens não são bandidos. São os soldados da liberdade. Não sou bicho do mato para correr de gente. (...) Foi graças à decisão inabalável de meu Pai que eu assisti à entrada da Coluna Prestes em Caculé<sup>4</sup>.

Nos textos de Camillo de Jesus Lima está revelada uma visão externa ao sujeito em si, ele expõe o seu entorno, o seu contexto histórico e ainda realiza uma análise crítica de tudo isso a partir de um posicionamento independente de protocolos, totalmente desvinculado dos padrões estéticos ou culturais que se impunham como forma, embora o escritor primasse pelo uso de um português cuidado. Camillo relata acontecimentos autobiográficos inserindo-os no geral, na

---

<sup>3</sup>Trecho de resenha do livro de Lourenço Moreira Lima, por Camillo de Jesus Lima para O Combate. As próximas citações fazem parte do referido texto encontrado em seu acervo pessoal. Não tivemos acesso ao periódico.

<sup>4</sup> Idem



ISSN: 2175-5493

XI COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

14 a 16 de outubro de 2015

experiência da humanidade como um todo. E continua a sua narrativa:

Na minha consciência de menino, a praça de terra vermelha cheia de soldados, de homens barbudos e sujos, de reses carneadas e de tropel de cavalos, tomou proporções de um acontecimento culminante e inédito (...). Vi os presos hirsutos e negros saírem da cadeia arrombada, olhando, apalermados, a rua que não viam há anos. Vi os olhos assombrados dos chefes locais, arregalados ante o pelotão de fuzilamento que não chegou a entrar em atividade porque apareceram, afinal, as munições que Bernardes mandara para assassinar os rebeldes. (...) Vi também os olhos mansos de Luiz Carlos Prestes, seu rosto pálido e sua barba negra, o seu sorriso calmo, de bondade infinita e ouvi a sua fala cariciosa me pedindo água. Vi, afinal, a Coluna sumir-se como uma serpente coleante, na última rua da vila, Prestes à frente, vestido de branco, os feridos no meio, pacientemente conduzidos pelos companheiros, a gente de Siqueira Campos atrás, correndo a marcha de acorda-Brasil, na manhã clara de Sol do Sertão<sup>5</sup>.

Como sujeito histórico, Camillo de Jesus Lima não só se representou, pois ao se representar apresentou uma coletividade, tornando-se porta-voz dos que viviam reféns de uma sociedade hegemônica e da qual a memória oficial excluía os menos favorecidos, as minorias sociais, os marginalizados, os de esquerda. Mesmo assim, muito do que desejou fazer em prol das causas sociais ficou compondo o cenário das lembranças, empilhado em gavetas, hoje nos arquivos, conforme confessa:

Muitas dessas lembranças povoam por ai velhos cadernos na minha gaveta, transformadas em poemas, contos e crônicas. Todas elas foram recusadas pelos jornais, naqueles tempos trágicos de 1935 a 1945, porque em todas elas a figura de Luiz Carlos Prestes aparece cercada de um halo de profundo amor e de imensa admiração<sup>6</sup>.

Dessa leva de textos cerceados entre as décadas de 30 e 40, muitos foram

---

<sup>5</sup> Idem.

<sup>6</sup> Idem.





ISSN: 2175-5493

XI COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

14 a 16 de outubro de 2015

publicados em *O Combate*, jornal que deu a Camillo de Jesus Lima espaço para divulgar sua produção crítica sobre história, arte e política, textos que fundamentavam as atividades da esquerda brasileira – desta forma também encontrava ali brechas por onde conseguia criticar o regime político brasileiro e local que há muito vivia sob o comando dos coronéis, poderes transferidos posteriormente aos grandes empresários e industriais. A repressão ao periódico era um risco que se corria conscientemente.

Como o nosso objetivo aqui é destacar o papel de um intelectual autodidata na construção do conhecimento crítico, consideramos relevante ressaltar alguns dos textos que compuseram a crítica de rodapé nas páginas do Jornal *O Combate* de Vitória da Conquista nos dois últimos anos dessa década que Camillo se referiu como de “tempos trágicos”.

Os arquivos de *O Combate* registram alguns textos críticos da autoria de Camillo de Jesus Lima com abordagem de cunho político em favor do socialismo. São alguns deles: Harpas e farpas (29 de janeiro de 1944); Como a Rússia prepara os homens do futuro (11 de março de 1944); A posição das esquerdas – novas declarações de Luiz Carlos Prestes (21 de março de 1944); A canção do expedicionário (10 de maio de 1944); Este lugar me convém (agosto de 1944); Jorge Amado, o romancista da esperança (17 de agosto de 1944); Conversa alegre para os amigos (21 de setembro de 1944); O Abêcê do Cavaleiro da Esperança (28 de dezembro de 1945); Anita (28 de abril de 1945); O Cavaleiro da Esperança (16 de junho de 1945); Luiz Carlos Prestes vai falar ao povo (07 de julho de 1945); Os escritores brasileiros em defesa da democracia (17 de dezembro de 1947); A poesia política dos poetas camponeses (10 de agosto de 1948); Sugestão do 29 de Outubro (13 de novembro de 1948).

Acima de qualquer opção estava aquela que ligava a palavra à vida, o verbo à carne, a metáfora a realidade, pois Camillo de Jesus Lima sempre teve como base estrutural de suas críticas vivências e experiências que aproximam a humanidade de suas lutas e de suas utopias, sem idealismos subjetivos. As narrativas teciam o



ISSN: 2175-5493

XI COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

14 a 16 de outubro de 2015

que a vida lhe oferecia em forma de motivos para a sua criação.

Em toda a obra literária e especialmente nos textos de caráter analítico como os ensaios e críticas o escritor tentou condensar a totalidade contextual em que os homens buscavam alternativas, não como soluções, mas como alternativas de luta e de diálogo com o mundo, suas contradições e seus conflitos. Muitas dessas alternativas foram exploradas por grandes intelectuais sociais de seu tempo em livros ou em textos que ele apresentou aos leitores através da crítica de rodapé.

Seus posicionamentos críticos acerca da arte, da cultura, da literatura e da política naquele momento histórico, ajudavam outros jovens intelectuais a se manifestarem e o jornal era um dos meios de veiculação dessas ideias. Em meados do século XX a figura do intelectual ganhava espaço no meio jornalístico e era através desse veículo de comunicação que as tendências políticas e literárias se tornavam conhecidas. Em uma entrevista, concedida ao jornal *Sete dias*, Camillo argumenta:

Através dos tempos a arte tem sido um reflexo do desenvolvimento econômico, histórico e social da humanidade. Na época em que vivemos, a luta social chega ao auge, a ponto de dividir o mundo em dois campos opostos: capitalismo e socialismo. Sendo a poesia, como todas as artes, um reflexo do desenvolvimento humano, não se pode manter indiferente às lutas que se desenrolam no mundo moderno, lutas que atingem profundamente a sensibilidade apurada dos poetas. [...] A poesia não pode fugir à realidade de seu tempo, porque, se o fizer, não será capaz de influir sobre ela, o poeta de hoje haverá de ser um participante das transformações por que passa a humanidade, nesta hora convulsionada e definitiva em que um sistema social entra em franca agonia (LIMA, *Sete Dias*, 1957).

Há no fragmento acima uma formulação consciente acerca do dever do intelectual como aquele que, por fazer parte de uma organização, seja ela cultural, histórica, social e por isso sempre ideológica, possui responsabilidade para com o meio social em que vive, atestando, de certa forma, o que Gramsci (1972) denominou de “intelectual orgânico” o “novo intelectual”:



ISSN: 2175-5493

XI COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

14 a 16 de outubro de 2015

O modo de ser do novo intelectual não pode consistir já na eloquência como reflexo exterior e momentâneos de afetos e paixões, mas deve enlaçar-se ativamente na vida prática como construtor, organizador, e persuasor constante – mas não como orador – e, contudo, passando por cima do espírito abstrato e matemático; através da técnica-trabalho chega-se à técnica-ciência e à concepção humanística-histórica sem a qual se é “especialista”, mas não se é “dirigente” (especialista + político) (GRAMSCI, 1972, p. 26).

E, conforme bem destaca Camillo, a literatura não pode fugir da realidade de seu tempo, enfatizando, assim, a importância que cada intelectual possui em seu trabalho de conscientizar o mundo, sem a ilusão de homogeneidades. Pelo contrário, ele se mostra certo de que no mundo haverá sempre campos antagônicos, e em cada um desses campos existirão sempre homens em luta e a serviço de uma ordem, seja a serviço da burguesia ou do proletariado.

No primeiro caso, o grupo que serve a burguesia tem a seu serviço o “intelectual empresarial”, conforme classificação gramsciana, ou seja, aquele que faz parte de uma organização em prol da produção/reprodução econômica. A estes são dadas todas as condições de trabalho como pesquisadores, como autores de conhecimentos autorizados, garantindo assim, a manutenção e a ordem econômica sob o domínio da hegemonia burguesa. Isso significa que esses “intelectuais orgânicos” nunca se levantam criticamente ou de forma contrária à organização ou aos organismos mantenedores de uma ordem pré-estabelecida.

No tocante ao segundo grupo, tem-se uma adesão muito menor dos intelectuais, mas estes, conscientemente, fazem uso de suas atividades (culturais, educativas, literárias) em prol de uma causa social e, por sua vez, dão sentido a própria produção em sua diversidade. Isso significa que não há homogeneidades nem conformidades, mas sim, multiplicidade de opiniões e de produções críticas que negam o que está posto pela sociedade dominante. Estes intelectuais também pertencem a uma organização ideológica e se colocam a serviço de uma parcela da sociedade que não está representada no processo de produção/reprodução pré-



ISSN: 2175-5493

XI COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

14 a 16 de outubro de 2015

concebidos, ou seja, estes intelectuais possuem um vínculo ideológico com organizações que não desejam servir ao poder hegemônico da sociedade burguesa.

Para falar dessa consciência política em que teoria e prática não se dissociam – até por que consideramos aqui o conceito efetivo da *práxis* como alternativa para a produção científica – recorremos a Eric Hobsbawm, quando trata da questão de quem poderia ser considerado como intelectual revolucionário, trazendo à reflexão o que disse Marx sobre do ser de consciência:

Naturalmente é possível afirmar que os intelectuais não podem ser revolucionários sem esta consciência subjetiva, enquanto que isto é possível em relação a outras camadas sociais. Quando Marx falou dos operários como classe revolucionária, não quis dizer simplesmente que se rebelavam “contra as condições individuais de uma sociedade existente até o momento”, mas “contra a própria ‘produção de vida’ existente até agora e o ‘conjunto das atividades’ sobre a qual ela está baseada”. (...) Para ele, o proletariado era uma classe com tais características devido à natureza de sua existência social e não em razão da “consciência de seus fins” (HOBSBAWM, 2003, p.246).

Portanto, na mesma medida em que os intelectuais empresariais servem às suas organizações, os intelectuais independentes, artistas, educadores, trabalhadores e, sobretudo, os literatos, exercem a sua função no organismo cultural e social da sociedade, fazendo da sua produção crítica uma missão.

Em uma entrevista concedida à Revista Cooperação (1945) Camillo de Jesus Lima responde ao entrevistador sobre a sua trajetória literária e a que tendência ele se vincularia como intelectual:

Na cidade de Conquista, onde a tragédia humana me ensanguentou a sensibilidade, comecei a compreender que a minha arte devia ter outra finalidade. Devia esquecer o mundo das emoções subjetivas e ter uma função social. Lembrei-me então das palavras de Mathews Arnold: a poesia deve ser uma crítica da vida, e achei razão na sentença de Wordsworth: a poesia é uma atitude do espírito diante dos fenômenos da existência. Deixei de ser um místico da beleza e fiz da arte uma arma de combate. A Aliança Libertadora já me achou comunista. Eu seria comunista se



ISSN: 2175-5493

XI COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

14 a 16 de outubro de 2015

não houvesse comunismo. A paisagem humana do Brasil, crua na sua realidade burguesa, impiedosa e ilógica na sua desgraça proletária, deu-me a função social de intelectual de esquerda (COOPERAÇÃO, Itabuna, nov. de 1945).

O posicionamento de Camillo de Jesus Lima corresponde ao que Walter Benjamin destaca da relação entre qualidade da produção literária e a tendência. Ou seja, a que ou a quem serve o autor em suas atividades. Se o escritor está a serviço da burguesia, há que se admitir um posicionamento de manutenção de uma ordem sem questionamento crítico, uma arte literária para a mera diversão. Mas se se tratar de um escritor progressista a sua produção estará a serviço da luta de classe, colocando-se do lado do proletariado. E, conforme o encaminhamento dado pelo filósofo, o conceito de tendência que ele defende nessa exposição é:

A tendência de uma obra literária só pode ser correta do ponto de vista político quando for correta do ponto de vista literário. Isso significa que a tendência politicamente correta inclui uma tendência literária. Acrescento imediatamente que é essa tendência literária, e nenhuma outra, contida implícita ou explicitamente em toda tendência política *correta*, que determina a qualidade da obra (BENJAMIN, 1994, p.121).

Desta forma, a questão acerca de como se situa uma obra de arte/literária dentro das relações de produção, se reacionária ou se revolucionária, consta de uma relação dialética com a sociedade e com os ideais que ela defende. No caso do escritor Camillo de Jesus Lima, não apenas se vale aqui de seus depoimentos em causa própria, mas da obra que circulou em jornais, revistas e em livros publicados como resultado, como produto de suas relações sociais, uma literatura que se diz engajada às causas socialistas/comunistas, o que, certamente motivou a sua prisão em 1964, pela Ditadura Militar.

A partir do entendimento histórico do contexto em que o escritor viveu, produziu e, principalmente, do lugar de onde levantou a sua voz, diz-se que



ISSN: 2175-5493

XI COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

14 a 16 de outubro de 2015

Camilo de Jesus Lima atuou como um intelectual “revolucionário” nas décadas de 30 a 60 do século XX, tomando aqui de empréstimo o conceito de Hobsbawm (2003, p. 246) quando afirma que:

Aqueles que rejeitam qualquer compromisso com o *status quo*, qualquer atividade não destinada direta e exclusivamente a opor-se frontalmente ao capitalismo, são certamente revolucionários no sentido mais literal do termo, e para os objetivos de minha argumentação não importa que outros possam também reivindicar sê-lo, talvez de uma maneira mais legítima.

Embora Eric Hobsbawm deixe em aberto a possibilidade de inserção a partir das próprias reivindicações em sê-lo, acredita-se que a qualificação empregada como característica de Camilo de Jesus Lima deve-se ao fato de sua produção crítica romper com conceitos e com preconceitos, fugir aos padrões estéticos. Ele viu na arte (literatura) uma das formas de transformação necessária, como reflexo do mundo e do homem, colocando-se como porta-voz da classe proletária, das minorias, dos silenciados.

## REFERÊNCIAS

BENJAMIN, Walter. **Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura**. 7. ed. (Obras Escolhidas, v. I). Tradução Sergio Paulo Rouanet. São Paulo

**COOPERAÇÃO**. Camilo de Jesus Lima. Itabuna/ Bahia, nov. 1945.

GRAMSCI, Antônio. **A formação dos intelectuais**. Trad. Serafim Ferreira. Coleção 70, v. 5. Amadora: M. Rodrigues Xavier, 1972.

HOBBSAWM, Eric. **Era dos Extremos: o breve século XX: 1914 - 1991**. Tradução Marcos Santarrita, revisão técnica Maria Célia Paoli. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

HOBBSAWM, Eric. **Revolucionários**. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

KOSIK, Karel. **Dialética do concreto**. Trad. NEVES, Célia; TORÍBIO, Alderico. 2 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1976.



ISSN: 2175-5493

XI COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

14 a 16 de outubro de 2015

LIMA, Camillo de Jesus. **Inquérito sobre a crise da poesia.** 7 Dias , Cadernos de notas, Salvador/Bahia, 1957.

MEIRA, Esmeralda Guimarães. **Muito além das tardes nevoentas:** uma canção de teia de Camillo de Jesus Lima. Salvador: EDUNEB, 2012.